



Ensino Transgeracional Informal de Práticas Agrícolas para Cultivos de Macaxeira e Milho: Povos Mura e Munduruku, Amazonas, Brasil

Enseñanza Informal Transgeneracional de Prácticas Agrícolas para el Cultivo de Mandioca y Maíz: Pueblos Mura y Munduruku, Amazonas, Brasil

Hely Brasil do Nascimento¹
Leiciane da Silva Seabra²
Suely Mascarenhas³

RESUMO

O ensino é um fenômeno social que ocorre no convívio social, podendo ser efetivado de modo consciente ou inconsciente, formal ou informal ao longo da existência dos seres vivos bio histórico-culturais que somos. Esta comunicação realizada ao abrigo do PPGE-UFAM, com apoio da FAPEAM, parte de uma investigação mais ampla sobre cosmovisão, existência e modos de vida do povo Munduruku, habitantes milenares do espaço geográfico do Amazonas, região do baixo rio Madeira, mas precisamente no Rio Canumã, na área indígena Laranjal pertencente ao Município de Borba-AM e o povo Mura localizados, no Rio Urubu pertencentes ao município de Itacoatiara-AM, tem como objetivo documentar usos e costumes do povo Mura e Munduruku associados à transmissão informal de saberes e fazeres sobre práticas agrícolas aplicadas em cultivos de plantas alimentícias entre as gerações. Através de entrevistas, observações participantes e registros audiovisuais, buscamos compreender como essas práticas agrícolas são transmitidas de geração em geração, quais são os conhecimentos tradicionais envolvidos e como essas práticas estão relacionadas com a cosmovisão e a identidade cultural desses povos. Da análise da totalidade das informações documentadas podemos afirmar que as novas gerações aprendem a cultivar as plantas alimentícias em particular a macaxeira, por meio do convívio com as gerações anteriores por meio da observação, participação e colaboração pontual nas tarefas afins. O que assegura a continuidade da transferência da tecnologia milenar agrícola entre as gerações do povo Mura e Munduruku, fortalecendo sua soberania e segurança alimentar.

Palavras-chave: Ensino transgeracional informal; práticas agrícolas, cultivo da macaxeira, cultivo de milho, povo Mura e Povo Munduruku, Amazonas, Brasil.

RESUMEN

La enseñanza es un fenómeno social que ocurre en la interacción social y puede ser realizada consciente o inconscientemente, formal o informalmente a lo largo de la existencia de los seres vivos bio-histórico-culturales que somos. Esta comunicación, realizada bajo los auspicios del PPGE-UFAM, con el apoyo de la FAPEAM, forma parte de una investigación más amplia sobre la cosmovisión, existencia y formas de vida del pueblo Munduruku, habitantes milenarios del espacio geográfico del Amazonas, en la región del bajo río Madeira, pero precisamente en el río Canumã, en el área indígena Laranjal perteneciente al municipio de Borba-AM y el pueblo Mura

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), bolsista FAPEAM.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

³ Professora Doutora da Linha de Pesquisa Educação Interculturalidade e Desenvolvimento na Amazônia, pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



localizado en el río Urubu perteneciente al municipio de Itacoatiara-AM, tiene como objetivo documentar los usos y costumbres de los pueblos Mura y Munduruku asociados a la transmisión informal de conocimientos y saberes sobre prácticas agrícolas aplicadas al cultivo de plantas alimenticias entre generaciones. A través de entrevistas, observaciones de los participantes y grabaciones audiovisuales, se ha tratado de comprender cómo se transmiten estas prácticas agrícolas de generación en generación, de qué conocimientos tradicionales se trata y cómo se relacionan estas prácticas con la cosmovisión y la identidad cultural de estos pueblos. Del análisis de toda la información documentada, podemos afirmar que las nuevas generaciones aprenden a cultivar plantas alimenticias, en particular la yuca, gracias a los conocimientos tradicionales.

Palabras clave: Enseñanza transgeneracional informal; prácticas agrícolas; cultivo yuca y maíz, pueblo Mura; pueblo Mundurucu, Amazonas, Brasil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino, enquanto fenômeno social, se manifesta de diversas formas no convívio humano, refletindo a complexidade das interações sociais ao longo da história. Este processo, que pode ocorrer de maneira consciente ou inconsciente, formal ou informal, é fundamental na formação da identidade cultural e na transmissão de saberes entre as gerações. A presente comunicação, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE-UFAM), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), insere-se em uma pesquisa mais ampla que investiga as cosmovisões e modos de vida dos povos indígenas Munduruku e Mura.



Imagem 1; Arquivo pessoal, "todos

relacionadas ao cultivo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) e do milho (*Zea mays*), buscamos destacar práticas que são essenciais para a vida cotidiana dessas comunidades e que



possuem um papel fundamental na segurança alimentar e no desenvolvimento sustentável. A mandioca, conhecida por sua versatilidade e adaptabilidade ao solo amazônico, é um alimento fundamental na dieta dos Mura e Munduruku, servindo como base para diversas receitas e práticas culinárias que fazem parte de sua tradição. O milho, por sua vez, é igualmente relevante, não apenas como fonte de alimento, mas também como elemento de cultura e identidade, frequentemente associado a rituais e celebrações.

RECURSOS NATURAIS E A CONFIGURAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO

A exploração de recursos naturais se intensifica de maneira preocupante na atual configuração de globalização. Este fenômeno é impulsionado pelo avanço tecnológico, que permite a extração e o uso de recursos de forma mais eficiente e abrangente. Apesar dos benefícios econômicos associados a essas tecnologias — como aumento da produtividade e criação de empregos em certas regiões —, é fundamental reconhecer que os sistemas socioecológicos, em sua complexidade e interdependência, muitas vezes não conseguem acompanhar essa dinâmica acelerada de desenvolvimento.

Segundo apontado por Kolosz et al. (2018), essa desconexão resulta em uma série de consequências adversas para o meio ambiente e as comunidades tradicionais que dependem dos recursos naturais. A pressão excessiva sobre os ecossistemas pode levar à degradação ambiental, perda da biodiversidade e comprometimento da capacidade regenerativa dos habitats naturais. A exploração desenfreada pode não apenas esgotar os recursos, mas também afetar a qualidade de vida de populações tradicionais locais, que veem sua cultura, modos de vida e segurança alimentar ameaçados. Para mais, a crescente exploração de recursos naturais pode acentuar desigualdades sociais e econômicas. Muitas vezes, os lucros gerados por essa atividade não são redistribuídos de forma equitativa, criando um ciclo de enriquecimento para alguns em detrimento da maioria. Comunidades tradicionais são as que mais sofrem as consequências pois, dependem de um manejo sustentável dos recursos naturais, podem se tornar ainda mais desprotegidas em face da exploração corporativa.



Diante desse cenário, é crucial que haja uma reavaliação das práticas de exploração e gestão dos recursos naturais. A implementação de políticas que integrem o desenvolvimento sustentável e a proteção dos sistemas socioecológicos é urgente. Isso inclui o fortalecimento das legislações ambientais, a promoção de tecnologias limpas e sustentáveis e a inclusão das vozes das comunidades locais nos processos de decisão. A busca pelo desenvolvimento deve ser, portanto, equilibrada pela necessidade de preservação e respeito à diversidade ecológica e cultural, garantindo que as próximas gerações herdem um mundo mais saudável e equitativo.

Nessa esteira a relação das comunidades tradicionais com os recursos naturais é a



Figura 1 Arquivo pessoal, "mutirão de limpeza de roçado de membro da comunidade PPGE-UFAM, 2023/2024.

demonstração de uma relação entre diversidade biológica e diversidade sociocultural, onde o manejo dos recursos naturais possui uma interação dos valores, regras e conhecimentos das comunidades, é estes conjunto de segmentos que ditará o uso dos recursos, as práticas exercidas pelas comunidades que respeitam os espaços produtivos, desse modo resultam em uma interação de equilíbrio entre homem e natureza (BRASIL, 2009).



ENSINO INFORMAL DE PRÁTICAS AGRÍCOLAS- MURA E MUNDURUKU

Ainda no meado do século passado, o Brasil foi marcado pela chamada "modernização conservadora". Esse fenômeno foi caracterizado por um conjunto de políticas que, embora buscassem promover o desenvolvimento, estavam representadas por uma lógica restritiva e excludente. Os investimentos em créditos, pesquisa, ensino e extensão foram direcionados a um grupo limitado de beneficiários, perpetuando a concentração de recursos em setores específicos da sociedade.



Imagem 2; produção de farinha artesanal, Arquivo pessoal, PPGE-UFAM,

Esse enfoque resultou em uma modernização incipiente, que, por sua vez, trouxe benefícios econômicos, mas cometeu a falha de não abordar de forma efetiva as profundas desigualdades sociais que historicamente afligem o Brasil. A priorização de um grupo restrito na implementação dessas políticas significou que vastas parcelas da população continuaram marginalizadas, sem acesso às oportunidades criadas. As promessas de um progresso abrangente e inclusivo ficaram aquém, resultando em um cenário em que a modernização da

economia não se traduziu em melhoria significativa das condições de vida da maioria dos brasileiros.



A análise de autores como Veiga (1991) e Abramovay (2007) ressalta a necessidade de refletir sobre os limites dessa modernização conservadora. As políticas implementadas careceram de um direcionamento mais inclusivo, que realmente pudesse transformar a estrutura social do país. Para que a modernização pudesse efetivamente ocorrer de maneira equilibrada, seria essencial que as reformas e investimentos fossem desenhados de forma a atender as necessidades de toda a população, promovendo não só o crescimento econômico, mas também a justiça social. A existência e os modos de vida dos povos Munduruku e Mura refletem uma rica tapeçaria cultural que se entrelaça com as características únicas da Amazônia, especialmente nas áreas que habitam, como o baixo rio Madeira e o rio Urubu. O povo Munduruku, fundado na área indígena Laranjal, situada no município de Borba-AM, e os Mura, localizados no rio Urubu, no município de Itacoatiara-AM, são emblemáticos da diversidade indígena brasileira, com suas tradições, práticas agrícolas e saberes que têm sido passados de geração em geração ao longo dos séculos.

Os Munduruku são conhecidos por sua profunda conexão com a terra e a água, utilizando práticas agrícolas tradicionais respeitando o equilíbrio ecológico da região. A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) é uma das variedades de plantio nativo que compõem suas lavouras, que são cultivadas com técnicas que refletem uma compreensão sofisticada dos ciclos naturais e das interações entre as espécies. Em nossas observações, classificamos essa aldeia/comunidade como estabelecida, assim destacando suas práticas agrícolas primárias e a relação que mantêm com a terra e o meio ambiente. O povo Munduruku, desenvolvem uma agricultura primitiva, combinando o cultivo de diversas plantas alimentícias com uma mobilidade relativa. Embora essa aldeia/comunidade esteja engajada na agricultura, não é nômade no sentido estrito da palavra, pois dedicam-se ao cultivo da terra. O que caracteriza seminomadíssimo é a prática de mover as habitações típicas — em função das condições do solo e da necessidade de rotacionar os cultivos.

Este sistema agrícola primitivo permite que o povo Munduruku, estabeleçam um equilíbrio com o ambiente, utilizando técnicas ancestrais que preservam a fertilidade do solo. A agricultura é complementada pela coleta de frutos, a pesca e a caça, o que reforça a eficiência do modo de vida, a variedade de recursos alimentares assegura a subsistência. É importante ressaltar que as práticas agrícolas revelam um profundo conhecimento ecológico, onde a relação com a natureza é pautada pelo respeito e pela sabedoria acumulada ao longo das gerações. As



comunidades possuem um sentido de pertencimento à terra, que é cultivada e respeitada, essa conexão é fundamental para a identidade desse povo, que valorizam sua cultura e os ensinamentos transmitidos por seus ancestrais. A agricultura, portanto, não é apenas um meio de sobrevivência, mas também uma prática que sustenta suas cosmovisões e robustas identidades culturais.

Sucintamente, o povo Munduruku, revela um modo de vida caracterizado por práticas agrícolas tradicionais e uma relação íntima com o meio ambiente, as práticas destacam a adaptabilidade desse povo às condições naturais, enquanto reforçam a importância da cultura e dos saberes ancestrais na construção de suas identidades. Essa visão não apenas ilumina a dinâmica de subsistência dessas aldeias/comunidades, mas também enriquece o entendimento sobre a diversidade cultural indígena.

Os saberes tradicionais dessas comunidades são construídos a partir de uma relação sustentável com o meio em que vivem, é por meio destes que exploram os recursos, respeitando o calendário natural das espécies, como é o caso do extrativismo vegetal (FÉ; GOMES, 2015).



Imagem 4; produção artesanal de farinha. Arquivo pessoal, PPGE-UFAM, 2023/2024.

Os saberes tradicionais das comunidades que habitam as florestas tropicais revelam uma profunda interdependência com o meio ambiente, fundamentando-se em práticas sustentáveis que respeitam os ciclos naturais. O extrativismo vegetal, mencionado por Fé e Gomes (2015), exemplifica essa relação, uma vez que essas comunidades não apenas utilizam os recursos disponíveis, mas o fazem de maneira estratégica, garantindo a preservação e a

regeneração das espécies. Essa abordagem atesta a importância do conhecimento empírico acumulado ao longo das gerações, que se traduz em um manejo consciente dos recursos naturais. Assim, as práticas tradicionais não apenas sustentam a vida e a cultura dessas comunidades, mas também oferecem lições valiosas sobre sustentabilidade e conservação para o mundo contemporâneo.



Arruda (1997) enfatiza que as florestas tropicais são lares para diversas comunidades humanas, cada uma com rica diversidade sociocultural. Esses grupos sociais desenvolveram modos de vida adaptados às características únicas de seus ambientes naturais. Possuidores de visões de mundo distintas, eles detêm um conhecimento profundo sobre os processos naturais, refletindo um relacionamento intrínseco com a natureza ao seu redor. Essa conexão é vital para a manutenção de suas culturas e práticas sustentáveis.

O povo Mura da mesma forma, preserva práticas semelhantes, adaptando-se ao ambiente do rio Urubu de modo a garantir a subsistência e o fortalecimento de suas identidades culturais. e o povo Mura localizados, no rio Urubu pertencentes ao município de Itacoatiara-AM. A relação desse povo com as plantas evoluiu ao longo do tempo, levando ao desenvolvimento de diversas técnicas agrícolas que visam otimizar a produção de recursos alimentares.



Imagem 5; Produção artesanal de farinha. Arquivo pessoal, PPGE-UFAM,

Entre essas práticas, destaca-se o uso do fogo, que foi empregado para limpar a terra, facilitando o cultivo e promovendo o crescimento de novas plantas. Este método, conhecido como "corte e queima", envolve a derrubada da vegetação, que, após seca, é queimada, liberando nutrientes e abrindo espaço para o plantio. Outro aspecto importante dessa abordagem é o sistema de pousio, que consiste em deixar a terra descansando após um período de cultivo, permitindo que sua fertilidade seja recuperada. O consórcio de culturas, que envolve o cultivo simultâneo de diferentes espécies vegetais, e a rotação de culturas, onde diferentes plantas são plantadas em sequência, são práticas que também ajudam a manter a saúde do solo e a diversificar a produção.

Essas técnicas são características das chamadas "roças de coivara", que são sistemas produtivos itinerantes amplamente utilizados por diversos povos originários. A prática de agricultura de coivara é um legado cultural milenar, demonstrando um profundo conhecimento ecológico e uma capacidade de adaptação ao ambiente.



A associação de plantas com diferentes hábitos de crescimento, grau de sombreamento e estruturas radiculares, permite um melhor uso dos recursos ambientais, tais como nutrientes, água e radiação solar. A combinação de cultivos permite utilizar ao máximo os recursos ambientais. (ALTIERI, 2002, p. 181).

Por meio dessa abordagem, a aldeia/comunidade indígena não apenas garantem a segurança alimentar, mas também promovem a sustentabilidade, respeitando os ciclos naturais e mantendo a biodiversidade de seus habitats. Essa rica tradição agrícola ilustra a harmonia que pode ser alcançada entre o povo que estão com ligação direta com natureza quando práticas sustentáveis são adotadas.

METODOLOGIA

Por tanto, na abordagem qualitativa, que inclui entrevistas, observações participantes e registros audiovisuais, buscamos compreender como esses conhecimentos tradicionais e práticas agrícolas são passados adiante. Investigamos a interconexão entre essas práticas e a cosmovisão, bem como a identidade cultural dos Munduruku e Mura. Este trabalho visa não apenas preservar, mas também valorizar as ricas tradições e saberes de comunidades que, enquanto seres bio-histórico-culturais, desempenham um papel fundamental na conservação do meio ambiente e na promoção da diversidade cultural da Amazônia. O objetivo de documentar os usos e costumes desses dois povos se configura como um trabalho fundamental para a preservação dos saberes tradicionais que moldam suas práticas agrícolas. Por meio de entrevistas, observações participantes e registros audiovisuais, buscamos entender como esses conhecimentos são transmitidos informalmente, destacando a importância da oralidade e da convivência familiar na educação das novas gerações. Cada plantio, colheita e a preparação dos alimentos carregam histórias, ensinamentos e valores que reafirmam a identidade cultural desses grupos.

Os saberes envolvidos nas práticas agrícolas dos Munduruku e Mura não são apenas técnicas; eles estão intrinsecamente ligados à cosmovisão desses povos. A terra é vista não apenas como um recurso a ser explorado, mas como um ente sagrado que merece respeito e cuidado. As relações familiares e comunitárias são reforçadas a cada atividade agrícola, fortalecendo laços e perpetuando tradições que sustentam suas culturas. É essencial reconhecer que essas práticas agrícolas vão além da mera produção de alimentos. Elas representam um modo de vida que integra sensibilidades espirituais, conhecimentos ancestrais e um profundo



respeito pelo ambiente. Num mundo cada vez mais globalizado, a validade desses saberes se torna ainda mais evidente, pois oferecem alternativas sustentáveis e éticas frente aos desafios contemporâneos relacionados à produção de alimentos e à conservação ambiental.

Ao documentar as práticas agrícolas dos povos Munduruku e Mura, contribuímos para a valorização do patrimônio cultural e para a garantia de que futuras gerações possam continuar a preservar esse legado. Além disso, esse trabalho destaca a importância de respeitar e reconhecer o papel fundamental que os povos indígenas desempenham na conservação dos ecossistemas amazônicos, ressaltando que suas vidas e modos de produção são essenciais para a sustentar o equilíbrio ambiental em uma das regiões mais ricas e biodiversas do planeta.

RESULTADOS

Os resultados dessa pesquisa poderão, portanto, contribuir para a valorização e o fortalecimento das práticas agrícolas tradicionais, potencializando o uso eficiente desses recursos. Ao evidenciar a importância dessas culturas e as tecnologias associadas a elas, esperamos fomentar uma maior apreciação e respeito pelos conhecimentos locais, ao mesmo tempo que se promove a inclusão dessas abordagens nas políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural e a conservação ambiental. Esse fortalecimento não se limita apenas à esfera agrícola, mas também se estende à autonomia política e social dos povos Mura e Munduruku, permitindo que suas vozes e modos de vida sejam reconhecidos e respeitados em um mundo em rápida transformação. Em última análise, a pesquisa não apenas busca documentar, mas também colocar em evidência a riqueza cultural e a capacidade inovadora desses povos, contribuindo assim para a construção de um futuro mais sustentável, justo e inclusivo para todos.

A documentação dos saberes e fazeres tradicionais dos povos indígenas é uma tarefa de extrema importância, não apenas para a salvaguarda da rica diversidade cultural da Amazônia, mas também para a promoção de um desenvolvimento que respeite e valorize as especificidades dessas comunidades. Os saberes agroecológicos, as práticas de cultivo agrícola adaptadas ao ambiente amazônico e os conhecimentos sobre a utilização de plantas alimentícias são fundamentais para a segurança alimentar e a sobrevivência cultural dos grupos Munduruku e Mura.



Esses conhecimentos são frutos de uma relação íntima e milenar entre os povos indígenas e a floresta, onde cada prática agrícola e cada interação com os recursos naturais refletem uma cosmovisão que integra espiritualidade, identidade e meio ambiente. Portanto, ao documentar essas práticas, não estamos apenas capturando informações, mas também reconhecendo a importância dessas tradições para a identidade cultural dos povos. Essa valorização contribui para a resistência cultural e ajuda a fortalecer a autoestima das comunidades, promovendo a continuidade de suas práticas em face das pressões externas, como a exploração de recursos naturais e a globalização.

Mais amplamente, a documentação também se mostra indispensável para a construção de políticas públicas que atendam às necessidades e demandas das comunidades indígenas. Ao integrar esses saberes na formulação de estratégias de desenvolvimento, programas educacionais e iniciativas de preservação ambiental, as políticas podem se tornar mais inclusivas e eficazes. É fundamental que as vozes e os conhecimentos dos povos indígenas sejam ouvidos e considerados, garantindo que suas perspectivas sejam parte da solução para os desafios que enfrentam, como a degradação ambiental e a perda de território. Além disso, esse reconhecimento pode facilitar o intercâmbio de saberes entre diferentes grupos e sociedades, promovendo uma maior compreensão da importância da diversidade cultural e biológica da Amazônia. A coexistência respeitosa de diferentes saberes pode levar à implementação de práticas sustentáveis que beneficiem não apenas as comunidades indígenas, mas também a sociedade como um todo. Assim, documentar esses saberes e fazeres é um passo crucial na construção de um futuro em que a riqueza cultural e ambiental da Amazônia seja preservada, respeitada e valorizada, assegurando um legado para as próximas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a pesquisa voltada para a documentação e valorização dos saberes e fazeres dos povos Mura e Munduruku visa não apenas a preservação cultural, mas também o fortalecimento de sua autonomia e resiliência frente aos desafios contemporâneos, reconhecer e valorizar as culturas e os saberes tradicionais dos povos Mura e Munduruku é um passo crucial para a construção de um futuro onde a diversidade cultural e a inovação se entrelaçam em harmonia com a conservação ambiental. Ao integrar essas abordagens nas políticas públicas e



promover o respeito pelas práticas locais, estamos não apenas fortalecendo as bases da agricultura sustentável, mas também elevando a autonomia desses povos, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e suas identidades respeitadas. Este movimento é essencial para que, em meio às rápidas transformações do mundo contemporâneo, possamos construir uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a riqueza cultural indígena não só seja documentada, mas celebrada como um patrimônio coletivo. Assim, a pesquisa se coloca como um agente de transformação, reafirmando a importância de um diálogo aberto e respeitoso entre diferentes saberes, em busca de soluções que beneficiem a todos e promovam a sustentabilidade em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

ADLER, P. R., RAU, M. B., ROTH, W. G. **Sustainability of Corn Stover** Harvest Strategies in Pennsylvania.

ADLER, P.A. E ADLER, P. in Baker, S. E. e Edwards, R **How many qualitative interviews is enough.** (2012). Disponível em:< http://eprints.ncrm.ac.uk/2273/4/how_many_interviews> Acesso em 24 jun 2019.

ALMEIDA, J. C. T; KAUTZMANN, R.M..**A filosofia da natureza e educação ambiental:** uma reflexão crítica na busca de uma direção ética. 2011.

ARRUDA, R. S. V. **“Populações tradicionais’ e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação”**. In DIEGUES, A. C. (org.). *Et noconservação: novos rumos para a conservação da natureza*. São Paulo: Hucitec, Nupaub – USP, 1997.

BIOENERGY RESEARCH, 2015. Disponível em:< <https://link.springer.com/article/10.1007/s12155-015-9593-2>> Acesso em 02 dez 2018.

CORREA, C. e WEID, J. M. **“Variedades crioulas na Lei de Sementes: avanços e impasses”**. *Agriculturas*, v. 3, n. 1, pp. 12-4, 2006.

COUTINHO, L. M. **“Fire in the ecology of the Brazilian cerrado”**. In: GOLDAMMER J. G. (ed.). *Fire in the tropical biota (ecological studies)*. Berlim: Springer-Verlag, 1990, v. 84, pp. 82-105.

DIEGUES, A. C. **“Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos”**. *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza dos trópicos*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. *Pesquisa e desenvolvimento em agricultura familiar na Embrapa arroz e feijão*. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2004.



HORTON, DONALD, 1948 - **The Mundurucu. In Handbook 01** South American Indian, vol. III: 271-282, Ed. Julian Steward, Smithsonian Inst. B:A. E. Bull. 143, Washington.

MARQUES, Flávia Charão; MENASCHE, Renata; TONEZER, Cristiane; GENESSINI, Alex. **Circulação de Alimentos: dádiva, sociabilidade e identidade.** IN: MENASCHE, Renata (Org.). A Agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Editora UFRGS: Porto Alegre, 2007.

MARTIUS, IÚRL F. P. VON, 1867 **Ethnographie und Sprachen kunde Suedamerika's ruma!** Brasiliens, Bd. 1, Leipzig.

REVISTA DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. Disponível em: Acesso em: 02 dez 2019 BEZERRA, V. S. Farinhas de mandioca seca e mista Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. Disponível em: < <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/120197/1/00079010.pdf> Acesso em 02 dez 2018.

WAGLEY, CHARLES E E. GALVÃO, 1948 - **rue Tenetehara. In Handbook of South American Indian.**f, vai. III: 137-148, Ed. Julian Stewart, Smithsonian Inst. B: A. E. BuU. 143, Washington.

Autoria:

Hely Brasil do Nascimento

Mestre em educação, Programa de pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

E-mail: h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7044-1739>

País: Brasil

Leiciane da Silva Seabra

Mestre em educação, Programa de pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

E-mail: leicianeseabra.br@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8757-9273>

País: Brasil

Suely A. do N. Mascarenhas

Doutora em Psicopedagogia, Docente na graduação e pós graduação, Universidade Federal do Amazonas.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

E-mail: suelyanm@ufam.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>

País: Brasil